

A IDEIA

revista de cultura libertária

fundador e proprietário João Freire
director e editor António Cândido Franco
editor gráfico Luiz Pires dos Reis
redactor-adjunto João Mendes de Sousa

imagens (para este número): Aldina, Almerinda Pereira, Ana Rita, Antonio Sáez Delgado, António Salvado, Aube Breton-Elléouët (contracapa), Bruno Béu, Dominique Labaume, Fundação Cupertino de Miranda, Isabel Castro Henriques (Alfredo Margarido), Lagoa Henriques (herdeiros), Laurens Vancrevel (Brumes Blondes), Manuel Silva-Terra, Mário Cruz, Miguel de Carvalho, Nicolau Saião, Raquel Nobre Guerra e Rui Martinho (espólio de Virgílio Martinho).
capa Mário Botas, Retrato de Cruzeiro Seixas (montagem fotográfica, tinta da china e guache / papel, 1973, col. Cruzeiro Seixas – Fundação Cupertino de Miranda)
periodicidade anual (número duplo)

endereço rua dr. Celestino David n.º 13-C, 7005-389 Évora, Portugal.

endereço electrónico acvcf@uevora.pt

blogues <http://aideialivre.blogspot.com>; editorallicorne.blogspot.com

depositários Livraria Ler Devagar: rua Rodrigues Faria (Lisboa Factory), 103, Lisboa; Livraria Uni-Verso: rua do Concelho, 13, Setúbal; Editora Licorne: rua Conde de Monsaraz, 2, 7005 Évora.

impressão Guide, artes gráficas, lda.

depósito legal 365900/13

registo do título 104 197

ISSN 0870-6913

A *Ideia* é uma revista que faz da cultura o seu campo de acção; através da criação poética e artística, da expressão filosófica, da pesquisa social e da investigação histórica procura criar as bases dum espírito livre, criativo e solidário, contributo efectivo para a realização de todos os seres vivos.

Tirando este princípio geral, suficiente porém para lhe dar um propósito de acção, o libertário, e uma família de ideias, o *anarquismo cultural*, a revista não tem plataforma programática – ao menos para já. As colaborações não solicitadas são desejáveis, embora sujeitas a validação; da sua publicação ou não, a revista dará sempre nota ao autor. A responsabilidade dos textos assinados cabe aos autores, respondendo o director pelos não assinados. Não se segue uma norma ortográfica e várias grafias do português podem coexistir.

AS CONDIÇÕES DE EXPEDIÇÃO DA REVISTA ENCONTRAM-SE NA ÚLTIMA PÁGINA.

DESEJA-SE PERMUTA.

PIDESE CANJE.

ON DEMANDE L'ÉCHANGE.

CHIEDESI SCAMBIO.

WE ASK FOR EXCHANGE.

MAN BITTER UM AUSTAUSCH.

A IDEIA

revista de cultura libertária

II série – vol. 16 – n.º 71-72 – Outono de 2013

ÍNDICE	1	Júlio Conrado	
		Mário Henrique Leiria – o Vizinho surreal	89
DECLARAÇÃO	3	Gabriel Rui Silva	
A revista <i>A Ideia</i> em perspectiva	4	Casos de Direito Galático – Mário Henrique Leiria	95
I SURREALISMO EM PORTUGUÊS	13	João Freire	
Mário Cesariny		Mário Botas e Pedro de Sousa	99
Carta a Afonso Cautela	15	José Manuel de Vasconcelos	
Cruzeiro Seixas		Mário Botas e o Surrealismo	101
Carta Inútil e Comunicação quase Automática sobre D. Sebastião.	17	José Maria Carvalho Ferreira	
Alfredo Margarido		Em Memória de Mário Botas	108
Os últimos inéditos	21	Sofia A. Carvalho	
João Rui de Sousa		Leituras do Inferno em Ernesto Sampaio	110
Parafraseando Cesariny	26	Almerinda Pereira	
Albano Martins		Luiz Pacheco – a Vida num Biscate	118
Dívida a Cruzeiro Seixas	28	Claudio Willer	
António Salvado		O Surrealismo no Brasil	126
O Café Gelo e as <i>Folhas de Poesia</i>	31	Paulo Jorge Brito e Abreu	
António de Macedo		Poesia de António Maria Lisboa	135
Lima de Freitas: a surrealidade do Graal	34	Carlos Mota de Oliveira	
Pinharanda Gomes		Carta a Cruzeiro Seixas	138
António Maria Lisboa: uma gnoseologia lógico-poética	49	Pela mão da noite – a Artur Cruzeiro Seixas	140
Afonso Cautela		Pessoa escutou atentamente Cesariny	140
Surrealismo & Surrealistas	57	Manuel Silva-Terra	
Fernando Grade		Poema visual	141
Ao Surrealismo disse tudo	67	Isabel Guimarães	
Nicolau Saião		MA-NIF-EST-SUR-REAL-IN-i !	142
Mário, Ele Próprio e Nós Outros	71	Luiz Pires dos Reis	
Maria Estela Guedes		Da óptica guilhotina-err: o próprio dos novos amorosos	143
I. Carlos Eurico da Costa	76	Jorge Telles de Menezes	
II. Herberto Helder – é e não é um poeta surrealista	77	Extensão do Rossio – a António Maria Lisboa	145
Pedro Martins		Amadeu Baptista	
De Telmo a Herberto, os Passos em Volta	80	Cinco Saltos com os Surrealistas	146

DECLARAÇÃO

Alexandre Vargas		Ruy Ventura	
Alexandre O'Neill e Mário Cesariny	148	O surrealismo e as suas consequências absolutas	206
João Carlos Raposo Nunes		João Mendes de Sousa	
Para Ant ^o . Barahona da Fonseca	149	À Procura de Al Berto	211
Nunes da Rocha		Rui Sousa	
Petição (segundo Ângelo de Lima)	150	Dois Textos	214
Carta (entreaberta) ao Galimar da rua da Emenda	151	Nádia Silvestre	
Abel Neves		"Não vos inquieteis, é a realidade que se engana"	220
[fragmento]	153	António Gonçalves	
Délio Vargas		O Centro de Estudos do Surrealismo	223
Torres	154	Miguel de Carvalho	
Manuel Silva Ramos		O Surrealismo Hoje	225
A poesia é quem mais ordena o fogo cruzado	156	Sumário Cronológico do Surrealismo Português Documento	228
Sobre Ernesto Sampaio	161	(<i>Her de Vries e Laurens Vancrevel</i>)	233
Fernando Cabral Martins			
Mário Cesariny: uma arte de cordel	164	II ENTREVISTA	
António Cabrita		Maria Teresa Horta	
Capelas Imperfeitas: a Festa da Inteligência	168	entrevistada por Fabio Mario Silva	234
Maria de Fátima Marinho		III NOTAS & COMENTÁRIOS	237
O Surrealismo e o Real Quotidiano	171	Jorge M. Colaço	
Fernando B. Martinho		Louis Lecoin	240
Lembrança de António José Forte	177	João Freire e Paulo Guimarães	
Carlos J. Figueiredo Jorge		O projecto MOSCA	243
À Memória de António José Forte	180	António Cândido Franco	
António José Forte		Biblioteca "Textos Livres"	246
Cem Anos de Anarquismo	184	Joaquim Palminha Silva	
Virgílio Martinho		Manifesto Anti-Turístico	248
Café Gelo – Retratos	185	IV Arquivo & Registo	251
Manuel G. Simões		Colaboradores	281
Carlos Loures, a <i>Pirâmide</i> e o Café Gelo	187		
António Cândido Franco			
André Breton, Libertário e Automatista	191		
<i>Pirâmide</i> – uma revista do surrealismo português	201		

A revista *A Ideia* entra com este número em nova fase de existência, que em nada significa uma ruptura com o seu percurso anterior. Mantém-se a série de publicação e o contínuo numérico; por sua vez a alteração no subtítulo nada mais faz do que manifestar aquilo que já era claro para o leitor atento dos últimos tempos. *A Ideia* é hoje sobretudo uma publicação vocacionada para ser uma revista de cultura, sem com isso querer deixar de ser uma revista libertária.

Mais do que valorizar à partida qualquer manifestação cultural, num espírito aberto, mas amorfo, prezamos as expressões culturais singulares que se mostrem avanços de liberdade, de humor, de criação. A cultura dos mandarins, a cultura mediática, a cultura repetida, a cultura ridícula das academias, a cultura vedeta, a cultura da concorrência, a cultura dos sabichões, a cultura do grande comércio não nos interessa; acarinhámos a cultura irreverente e libertadora, a cultura activa dos singulares, a cultura invisível. É com ela que se constrói o desejo, não com a outra.

Dedicamos este número d' *A Ideia* ao surrealismo, paradigma modelar de cultura libertária. Homenageamos alguns dos criadores que entre nós melhor assumiram o espírito pós-civilizacional do movimento, alguns deles colaboradores desta revista de longa data, e damos um contributo ao conhecimento do espírito da corrente e do que nele houve e há de libertário. André Breton, o espírito aquilino e altivo que catalisou a escola, também aqui comparece com informação inédita em português, alguma sobre Louis Lecoin. Ao surrealismo dedicou *A Ideia* o seu primeiro texto em 1981 (pela mão de Nicolau Saião), ao surrealismo voltou logo depois (com Cesariny, Lisboa, Alves dos Santos e outros), ao surrealismo regressa agora e no próximo número (Primavera – 2014), desdobrando e alargando este. Ao surrealismo regressará sempre e sem fim.

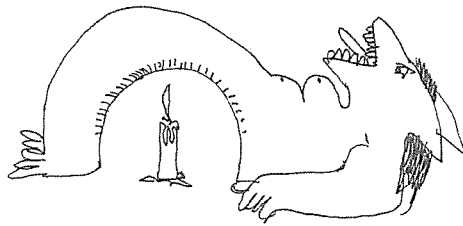
Uma última palavra para a entrevista inédita com Maria Teresa Horta, uma das mulheres portuguesas que mais fez entre nós pelo feminismo e a quem desde este pórtico agradecemos a deferência. *A Ideia* tem em Emma Goldman uma referência tutelar e no feminismo uma das suas bandeiras culturais mais antigas e mais firmes.

envergonhado em relação ao trabalho que o Jornal de Letras e Artes está a publicar – foi feito com amor e, sobretudo, com sinceridade, reflectindo a minha ‘verdade’ da época em que o escrevi⁶.

É então que intervém Mário Cesariny nas páginas do mesmo jornal (“Nota sobre a nota de Carlos Loures”) em 2-3-1966. Confessa ter lido os artigos e a nota de Carlos Loures com prazer e espanto: o prazer derivava do facto de o autor dos artigos ter feito um trabalho que coincidia com “a letra de um estudo” que o próprio Cesariny pensava fazer há muitos anos; o espanto por concluir que em Portugal, a adesão das pessoas ao surrealismo, ou mesmo só a alguns dos seus princípios, é muito raro aguentar mais de três anos. *Faça-se a conta: Alexandre O’Neill, três anos (1947 até à publicação do Tempo de Fantasmas, onde abjura com gana). Mário Leiria, três anos. Vida pública do G. S. L., um ano. Eurico da Costa, três anos. Risques Pereira, três anos*⁷.

É claro que Mário Cesariny – sete anos depois da experiência de *Pirâmide*, cujo projecto louva como revista aberta aos surrealistas, e sem mais contactos com Carlos Loures – não acompanhou a sua evolução cultural e ideológica e por isso manifesta a sua desilusão. Pensando identificar a nova posição do autor dos artigos com a problemática do neo-realismo, aproveita então para “arrumar” este movimento, utilizando – é bem que se diga – alguns lugares comuns que se tornaram autênticos estereótipos, sem uma análise específica e válida como apoio da sua argumentação.

A polémica entre os dois conclui-se com a resposta de Carlos Loures (“A propósito da nota de Mário Cesariny”), publicada ainda no *Jornal de Letras e Artes* de 9-3-1966, onde confirma o seu juízo crítico relativamente ao surrealismo, cuja dinâmica e energia criativa, segundo ele, não representava o ‘prolongamento’ intelectual de uma acção instalada no seio da vida colectiva⁸. Na sua nota ao jornal, perante a surpresa da publicação dos artigos, pretendia apenas esclarecer os leitores sobre o desajustamento existente entre a minha actual posição ideológica e um texto que, escrito há quatro anos e só agora publicado, veio ressuscitar um tempo retrospectivo da minha evolução cultural⁹, justificando, deste modo, o seu afastamento do movimento surrealista.



espólio Virgílio Martinho (desenho inédito — Aldina?)

⁶ Idem, *ibidem*.

⁷ Idem, ano V, nº. 231, 2/3/1966, p. 1.

⁸ Idem, ano V, nº.232, 9/3/1966, p. 9.

⁹ Idem, *ibidem*, p. 1.

ANDRÉ BRETON LIBERTÁRIO E AUTOMATISTA¹ A. CÂNDIDO FRANCO

No Verão de 1944, já depois da ruptura com Jacqueline Lam, na companhia de Elisa Claro, com quem casará no ano seguinte, em Reno, André Breton, exilado na América desde 1941, por via de Vichy, abandona Nova Iorque e parte à descoberta do Quebec, atraído pelas costas solitárias da península da Gaspésia, por onde vagueia durante semanas, só regressando ao ponto de partida no final de Outubro. Durante a viagem inicia a escrita dum novo livro, *Arcane 17*, que fechará nos primeiros dias do ano seguinte, dedicando-o a Elisa, modelo do mais benévolo influxo, e que terá uma primeira edição, em exclusivo bibliófila, na nova-iorquina casa Brentano's, ficando a edição francesa, definitiva e corrente, *Arcane 17 enté d'AJours*, para Junho de 1947, ano da reinstalação definitiva em Paris. O livro abre cruzando Elisa e a ilha de Bonaventure, um dos maiores santuários de pássaros de mar que existem no mundo, tudo por certo, do nome da ilha à emanação da mulher, mais que bastante para levar Breton a tomar para título do livro o mais auspicioso dos arcanos do velho Tarot, que fora de resto a sua derradeira consolação, com André Masson e Max Ernest, no curro de Marselha, quando tentava em Março de 1941 escapar de Vichy. Aberta a cortina, eis que de repente no livro, nas páginas iniciais, irrompe, viva e serpenteante, uma recordação de adolescência

¹ Esta nota não podia existir sem contributos bibliográficos exteriores – isto para além dos textos de Breton nela citados. Refira-se o trabalho de Marguerite Bonnet sobre dois textos recolhidos em *La Clé des Champs* (1953), “Pour un Art Révolutionnaire Indépendant” e “La Claire Tour”, este dado a lume inicialmente no jornal *Le Libertaire* (11-2-1951), trabalho esse publicado no terceiro tomo de *Oeuvres Complètes* (Gallimard, 1999). De resto é ainda a Marguerite Bonnet que se recorre para historiar parte dos eventos relativos a Breton entre 1913 e 1924, com especial enfoque no caso de Germaine Berton, aqui no primeiro tomo das mesmas obras (1988). Também o trabalho de Étienne-Alain Hubert, comentando as intervenções de Breton a favor da C.N.T., no terceiro tomo das obras, dos objectores de consciência encarcerados e de Louis Lecoin, no quarto tomo (2008), nos deu elementos valiosos para o comentário. Tirando estes contributos, que foram de socorro, cite-se ainda um trabalho (que não conhecemos): *Surréalisme et Anarchie* (1983) de José Pierre. E um outro, que também desconhecemos, mas que pode ser de valor para o pesquisador, *Surréalisme e Anarquismo* (Editora Imaginário, São Paulo, 2001) onde Plínio Augusto Coelho recolhe, traduz e comenta a colaboração dos surrealistas franceses no jornal *Le Libertaire*. O itinerário político de Benjamin Péret merecia, só ele, um texto à parte. Registem-se porém as relações amorosas com Remedios Varo, anarquista espanhola, no tempo da guerra civil, e com quem se exilou depois no México, e as ulteriores colaborações que deu ao jornal *Le Libertaire*, algumas delas de invulgar alcance teórico (v. B. Péret, *Oeuvres Complètes, Textes Politiques*, vol 5, 1989). As traduções que se apresentam de A. Breton foram autorizadas por sua filha, e actual herdeira, Aube Breton-Elléouët (referida em *L'Amour Fou*), animadora da colecção Phares – que, a seu pedido, se publicita na contracapa deste número.